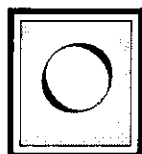


# ***Cem anos de solidão*** **na comemoração do Primeiro** **Centenário da Independência** **na Colômbia e em Cali**

GERSON G. LEDEZMA MENESES\*



principal objetivo deste artigo é mostrar a forma como as elites colombianas, especialmente as calenhas, enfrentaram a comemoração do Primeiro Centenário da Independência. Convinco-as de que em cem anos de emancipação política haviam visto desfilar apenas tragédias, guerras e explosões políticas violentas, tiveram que recorrer a vários imaginários que, do ponto de vista simbólico, as ajudariam, tanto nas províncias como em Bogotá, a construir um Estado nacional capaz de tirar a Colômbia das guerras e de sua vocação solitária

Reconhecer a crise, porém não era suficiente para curar as mágoas, apagar as culpas e cicatrizar as feridas. As sete guerras civis maiores e os vinte estalidos de violência política ao longo do século, as eternas rivalidades entre regiões, e a rebelião destas contra as tendências centralizadoras não haviam criado redes de fraternidade, de igualdade e de justiça; nesse estado lamentável, eram comparáveis a órgãos secos e sem vida do corpo da pátria. Na festa comemorativa, as elites dos vários departamentos em que se dividia o país refletiram sobre os cem anos de independência política e constataram que, além do sangue derramado, haviam perdido o Panamá em 1903, parte essencial do corpo da Pátria, justamente aquela região onde as elites da Independência haviam colocado suas esperanças, conscientes de que essa via comunicaria o Atlântico com o Pacífico.

As elites do Centenário jamais estiveram tão lúcidas quando, ao

---

\* O autor é Doutor em História Social e das Idéias pela Universidade de Brasília.

mesmo tempo em que lembravam seus mortos, dispuseram-se também a sepultá-los para sempre, empenhando-se em construir uma nova carta de navegação para salvar o país da ruína total. Antes de trancar definitivamente as portas e janelas que as ligavam ao passado, fizeram uma minuciosa revisão de seus *cem anos de solidão*.

#### AS ORIGENS DOS VÍCIOS PERNICIOSOS E DA VOCAÇÃO SOLITÁRIA

Durante o século XIX consolidou-se o sistema de fazenda que monopolizava em grande medida a terra e submetia uma grande parcela da população a um sistema de clientelas. As grandes desigualdades sociais agravavam as distâncias étnicas e culturais; um punhado de advogados e militares exploravam povoados de indígenas, de mulatos e de mestiços, submetendo-os diretamente, por meio de leis vexatórias, ou simplesmente se aproveitando da sua ignorância. Nesta forma de dominação encontrava-se a sobrevivência tardia do regime colonial.

A ruptura política com a Espanha não resultara na constituição de um Estado onde os interesses dos grupos dominantes se compatibilizassem. A luta pelo controle do Estado significava uma luta pela liberdade no interior do regime republicano; a aspiração destes novos grupos dominantes era o controle absoluto do aparelho político. Estas circunstâncias explicam a forma radical que assumiram na Colômbia as tensões sociais, econômicas e ideológicas geradas pelo violento processo de descolonização e a incorporação gradual à ordem mundial capitalista e industrial durante o século XIX. Nesta disputa pelo poder se encontra a origem do Partido Liberal e do Partido Conservador, os dois grandes protagonistas da história política republicana.

Assim, a mais primitiva razão de ser dos dois partidos era antes de mais nada proteger-se de pretensões opostas sobre o aparelho estatal. Sua organização como uma coesão orgânica de interesses expressos por meio de uma ideologia é tardia. Embora existisse um certo perfil ideológico na primeira metade do século XIX, sugerido pelo liberalismo ilustrado do século XVIII ou pela noção de um Estado paternalista herdado da colônia, os partidos só se definiram apenas bem adiantado o século XIX. As lutas

freqüentes entre facções resultava da situação criada pelas guerras de Independência. Qualquer militar mais ou menos importante podia imaginar que a recompensa pela sua participação nas guerras civis estava no poder, bastando-lhe reunir sua clientela e um bom número de armas para atentar contra o Estado e socavar suas bases. Porém, havia homens lúcidos cujas propostas federalistas ou centralistas se chocavam na procura de um caminho para a República.

Após a batalha de Boyacá (1819) que decidiu a independência da República de Colômbia (conhecida pela historiografia como Grande Colômbia), foram surgindo duas forças políticas contrárias das quais resultaria o sistema bipartidário colombiano a meados do século: centralistas e federalistas, liderados respectivamente por Simón Bolívar e Francisco de Paula Santander. A morte do *Libertador* em 1830 marcou uma grande derrota do centralismo (futuro conservadorismo). Um ano depois desmantelou-se a Grande Colômbia.

De 1832 até 1848 sucederam-se vários enfrentamentos armados em que as duas correntes pouco a pouco delineararam seu pensamento em torno de idéias nativas e forâneas. Divergiam quanto ao grau de compromisso com os princípios da economia política liberal que cimentavam o sistema capitalista mundial no século XIX e condicionavam o desenvolvimento. Divergiam também quanto ao papel da Igreja, importante proprietária de terras e fornecedora de crédito, garantia do controle social sobre as classes populares e da legitimidade da classe dominante na ordem mercantil-colonial. Enfrentaram-se a propósito da rapidez com que devia se abolir a escravidão; da forma de apropriar-se das terras públicas e indígenas; das condições em que dever-se-iam obter os empréstimos estrangeiros; do caráter das instituições educacionais públicas e particulares; da natureza do sistema monetário, bancário e tributário; e do grau de centralização política e administrativa. Enquanto em outras nações do continente esse tipo de conflitos teve solução mais rápida, aqui se faz clara a natureza prolongada e inconclusa da luta e a profundidade da politização popular.

Francisco de Paula Santander, após a morte de Bolívar, esforçou-se por transformar a terra e a mão-de-obra em mercadorias que pudessem combinar-se livremente com o capital para um uso produtivo numa econo-

mia estruturada segundo os princípios de livre comércio e da divisão internacional do trabalho. No entanto, a reação conservadora após a guerra civil de 1839-1841 eliminou muitas das tímidas reformas liberais. A Constituição de 1843 estabeleceu um governo centralizado sob o comando de um Executivo forte, favorecendo a Igreja e tratando por todos os meios de minimizar a difusão das idéias liberais. A educação foi organizada por Mariano Ospina Rodríguez, futuro presidente conservador. O presidente Tomás Cipriano de Mosquera, eleito pelos conservadores, impulsionou as ferrovias e o transporte fluvial e aboliu o estanco do tabaco, expandindo sua cultura e exportação. Os liberais retornaram ao poder em 1849 com a eleição de José Hilario López. Foi abolida a escravidão, dividiram-se as terras das reservas indígenas, ampliaram-se as liberdades civis, como a da imprensa, e abolida a pena de morte por delitos políticos; o Estado assumiu maior controle sobre a Igreja suprimindo os tribunais eclesiásticos especiais. Estes princípios foram claramente estabelecidos na Constituição de 1853 que ampliou o direito ao voto eliminando os requisitos de propriedade e alfabetização e instituiu eleições diretas e secretas. Estas reformas foram o motivo de resistência dos conservadores e criaram fissuras no interior do liberalismo.

Tendo os conservadores recuperado o controle do Estado, os liberais provocaram a guerra de 1860-1862 e reassumiram o poder. Novas medidas contra o poder da Igreja e contra o sistema conservador, excessivas liberdades e a nova expulsão dos jesuítas marcaram as disputas durante os anos seguintes. As propriedades da Igreja foram confiscadas. A Constituição de Río Negro (1863) promoveu uma radical descentralização política; ampliou os direitos individuais incluindo a irrestrita liberdade de expressão, o direito a possuir e comerciar armas, e aboliu a pena de morte. Reduziu substancialmente as tarifas alfandegárias introduzindo um novo sistema segundo o peso. Os liberais chegaram a propor a transferência da capital da República para o Panamá, local mais adequado para que o país se impregnasse mais rapidamente das idéias européias e norte-americanas.

As reformas liberais tentaram liberar o capital e o trabalho, congelados em um sistema institucional herdado do período colonial. Porém, tiveram com freqüência efeitos infortunados, bem diferentes aos esperados por

seus autores. Somente quando colocou-se de manifesto a crise da agricultura de exportação, a finais dos anos sessenta e durante os anos oitenta, analisou-se criticamente o impacto daquelas reformas. Por esta época, um pequeno grupo de liberais influentes, sob a liderança de Rafael Núñez, aliou-se a alguns líderes conservadores para um ataque definitivo à política liberal imposta desde 1850, considerando que o *laissez-faire* havia arruinado a produção artesanal, inibindo o estabelecimento de novas indústrias nacionais e favorecendo o consumo de produtos estrangeiros; quando as exportações caíram, esgotou-se o meio circulante do país.

Nestas circunstâncias, num país desmembrado pela geografia e carente de um sistema de comunicações, diziam os críticos que os ataques doutrinários contra a Igreja, além de destruir a estabilidade política, teriam afastado a massa popular, quase totalmente católica, do governo, o que impedira os dirigentes liberais de desenvolver programas democráticos. Para governos com escassos recursos era imprescindível a presença da Igreja, fonte importante de coesão, base da ordem social.

As fortes críticas aos liberais do 'Olimpo Radical' – assim denominados por sua política de afastamento doutrinário da realidade colombiana – e a forte crise econômica devida ao recuo das exportações foram socavando as bases do governo liberal. Para impedir a eleição de Rafael Núñez à presidência os liberais radicais apoiaram Julián Trujillo que, eleito presidente em 1878, aproximou-se da Igreja e do Partido Conservador. Núñez elegeu-se em 1880 e de novo em 1884, apoiado pelos conservadores, vencendo a guerra civil de 1885 contra os liberais. Unindo os liberais independentes e os conservadores, Rafael Núñez organizou o Partido Nacionalista, consolidando seu controle com a nova Constituição de 1886, que instaurou o longo período de hegemonia conservadora.

A ascensão de um regime conservador, em aliança com a Igreja, empenhado em desenvolver políticas econômicas e monetárias radicalmente opostas aos interesses dos importadores e exportadores, e em contraposição à economia liberal do mundo ocidental, mudou o rumo da história colombiana do século XIX. Por quase 50 anos, a Colômbia seguiu uma senda política anômala dentro do padrão da história geral da América Latina de finais do século XIX. A partir de 1880, enquanto em outros países importantes da

América Latina como Argentina, México e Chile, os governos aplicaram os princípios da economia política cosmopolita liberal, no intuito de consolidar seus Estados nacionais, a Colômbia conservadora ainda teve que enfrentar três guerras civis que marcaram a história do século XX, especialmente a última, a dos Mil Dias (1889-1902), que teve como consequência a perda do Panamá em 1903. O monopólio da violência pelo Estado, com a organização de um verdadeiro exército nacional, só se concretizou após a guerra dos Mil Dias.

### COLÔMBIA, NO CAMINHO À NAÇÃO?

Se considerarmos que o Estado Nacional se constrói desde o ponto de vista do material e do ideal, sem dúvida, os problemas pelos quais atravessou a Colômbia de 1810 até 1910 não permitiram tal construção. Num país em guerra civil constante foi difícil a difusão de símbolos, valores e sentimentos de pertencimento a uma comunidade nacional. Tampouco foi possível a formação de um mercado nacional como condição necessária para a constituição de um Estado nacional.<sup>1</sup>

Oscar Oszlak, analisando o processo de formação do Estado nacional argentino, assegura que a construção efetiva de um Estado depende fundamentalmente do grau de articulação conseguido entre os interesses rurais e urbanos, bem como das condições existentes para a integração econômica do espaço territorial. Analisando a Argentina e a Colômbia o autor salienta:

la precariedad de las economías regionales, la extensión territorial, las dificultades de comunicación y transporte, el desmantelamiento del aparato burocrático colonial y las prolongadas luchas civiles que reflejaban la falta de predominio de una región o de un sector de la sociedad sobre los otros, [demoró] por muchos años el momento en que tal amalgama se produciría.<sup>2</sup>

Na Colômbia, além das guerras civis, somava-se a falta de mobilidade dos recursos econômicos e a ausência de coesão política entre regiões que, não articulando seus interesses para resolver as disputas econômicas,

não conseguiam sequer imaginar o que poderia significar um sentido nacional. A Colômbia, tal como a Argentina (de antes de 1862), careceu de um sistema central de dominação e de alianças entre elites regionais que poderiam ter permitido assentar as bases políticas e institucionais do Estado nacional. A unidade nacional não podia repousar exclusivamente sobre referentes ideológicos. As lutas pela independência haviam criado alguma forma de identidade coletiva e de sentimento de destino comum, que no entanto se chocara com a materialidade de uma existência reduzida a um âmbito localista com tradições, interesses e liderança próprios, como no Cauca Grande, onde caudilhos regionais converteram suas comarcas em eixo de interesses pessoais associados à política e à economia de caráter colonial. Estes centros locais de poder integraram-se em torno da figura carismática de caudilhos regionais como Tomás Cipriano de Mosquera. O aparelho administrativo central não podia impor-se enquanto os liberais garantiam total autonomia política às regiões, que organizavam exércitos próprios, compostos por indígenas e peões diversos que se identificavam com um ou outro dos dois partidos fazendo da filiação política uma característica hereditária.

A particular conformação do espaço repercutia profundamente sobre a sociedade colombiana. Ao final do século XIX, com cerca de quatro milhões de habitantes, o país era o terceiro mais populoso da América do Sul, porém suas exportações *per capita* figuravam entre as mais baixas de todo o hemisfério. A precariedade das vias de comunicação impediam a afluência de capitais e de homens para povoar os espaços vazios. No interior desta estrutura secular de estagnação econômica tomara forma a turbulenta e inconclusa história política da Colômbia do século XIX.

Salomón Kalmanovitz opina que os problemas econômicos colombianos do século XIX não tiveram origem exclusiva no período colonial. Dentre outros processos característicos dos novecentos, destaca a desagregação regional que socavou o projeto bolivariano da Grande Colômbia e enfraqueceu o Estado Nacional cuja unificação política só foi alcançada pela via reacionária e somente no presente século, embora o projeto centralizador tenha sido inaugurado e relativamente desenvolvido nas duas últimas décadas do século passado. Somente a partir desta unificação política é que se

conformaram as bases do mercado interno, apesar do impacto de mais três guerras civis; e só uma vez consolidadas aquelas bases econômicas poder-se-ia falar de uma nação colombiana. Anteriormente existiam tênues relações comerciais e econômicas entre as regiões, obstaculizadas por alfândegas e pedágios, com apreciável diversidade de regimes judiciais, políticos, comerciais, tributários, etc. Durante a segunda metade do século XIX não havia sequer um centro de poder capaz de agrupar as regiões e resolver suas contradições, sendo freqüentes as ameaças de secessão de vários dos Estados soberanos, como ocorreu de fato com o Panamá em 1903, apoiado pelo imperialismo norte-americano. Este evento seria a confirmação extrema das tendências desagregadoras sustentadas politicamente no liberalismo e em sua concepção federalista do Estado-nação<sup>3</sup>

#### O PATRIOTISMO NA NOVA GRANADA

Segundo Hans-Joachim König, as relações entre nacionalismo e modernização no processo de formação do Estado e da nação neo-granadina apareceram sobretudo a meados do século XIX, quando uma burguesia de comerciantes e intelectuais assumiu a autoridade pública e buscou a modernização econômica, política e administrativa, tentando ativar um desenvolvimento nacional. Este grupo de comerciantes imaginava que a superação da estagnação viria pela maior articulação com a economia mundial e com o aproveitamento mais efetivo dos recursos do país. O objetivo era parecer-se com a Europa, ganhar prestígio e importância entre as nações livres da América e Europa. Entre os símbolos usados estava, como na Independência, a categoria de cidadão, utilizada agora para referir-se a todos os neo-granadinos adultos, insinuando que as diferenças de caráter econômico, político, social e étnico haviam sido apagadas definitivamente. Qualificando a estagnação econômica, política e social como sobrevivência do período colonial, os liberais podiam delimitar radicalmente as novas atividades, o projeto nacional. Esta delimitação era imprescindível para uma eficaz mobilização do nacionalismo.

Com este nacionalismo anticolonial e modernizador orientado pelos ideais liberais, a burguesia comerciante e intelectual, agora mais poderosa,

pôde atrair grandes massas de população urbana, colocando em marcha um movimento de desenvolvimento nacional e introduzindo uma mudança social e um crescimento econômico com medidas pertinentes. No entanto, esta modernização produziu apenas uma mudança parcial que não atingiu toda a sociedade nem a economia em geral, nem a totalidade das regiões do país, e recuou quando os estratos populares se radicalizaram. O projeto nacional de desenvolvimento econômico e político só se realizou para alguns grupos e algumas regiões que se beneficiaram com a nova política econômica.

El nacionalismo anticolonial e modernizador se convirtió en una ideología de la élite, con la cual pudo tanto legitimar su status económico y social como defenderlo frente a las demandas de estratos inferiores. La función modernizadora del nacionalismo se transformó en su contrario: en vez de conducir a la integración social llevó a una delimitación social; en vez de desmontar las diferencias sociales y regionales las intensificó. La Nueva Granada todavía se encontraba en el difícil camino hacia la nación<sup>4</sup>.

#### A COLÔMBIA NO CAMINHO PARA A NAÇÃO

Segundo Jaime Jaramillo Uribe, as condições de afastamento entre as regiões, herdadas do sistema colonial, só começaram a ser vencidas por um sistema de transportes e pela formação de um mercado nacional após 1880. Desde 1850 o fim do estanco do tabaco permitiu ao país inserir-se no mercado internacional, melhorando as condições da acumulação de capitais e a capacidade fiscal do Estado. Também a quinina e o anil, embora por pouco tempo, contribuíram ao crescimento da capacidade exportadora. Só ao final do século o café conseguiria preencher o vazio deixado pelo colapso dos produtos anteriores, dando ao comércio exterior um gênero de exportação que se manteria firme durante o século XX, e que abarcaria todo o território nacional (zona andina), estabilizando o processo de acumulação de capital, aumentando a capacidade importadora, ampliando o mercado interno. Esta economia permitiu a criação de novas indústrias, desenvolveu os transportes em escala nacional e reforçou também a forma-

ção de uma classe empresarial de mentalidade e atitudes burguesas.

No plano político, as reformas introduzidas na Constituição de 1886 e o movimento da Regeneração, sob a chefia de Rafael Núñez, criou as condições para a solução da crise. Frente aos conflitos e contradições existentes entre os setores da classe dirigente, as reformas regeneradoras permitiriam um consenso nacional em torno do caráter unitário e centralizado da organização jurídica e política da nação. Com isto, ficava definitivamente clausurada a etapa federalista e superadas as tendências desagregadoras<sup>5</sup>. Mas o que definitivamente veio completar o novo ordenamento foram os resultados da mais terrível, prolongada e selvagem guerra civil, a dos Mil Dias, especialmente depois da perda do Panamá em 1903.

Ao termo de mais de três anos de guerra e ao começar a luta pela organização da paz, aqueles que no interior dos dois partidos haviam-se oposto à Regeneração comprovaram até que ponto haviam fracassado na tentativa de influir sobre o manejo do país, sentindo-se arrasados pela debilidade de sua posição política. Com a guerra não haviam desaparecido as orientações políticas e econômicas do governo nacionalista, às quais haviam-se oposto, desde o começo da Regeneração, por meio da imprensa, do Congresso e do campo de batalha, a maioria dos liberais e conservadores históricos. A guerra, pelo contrário, colocara no poder os setores mais autoritários e católicos do Partido Conservador, do exército e da burocracia, eliminando os liberais e conservadores dissidentes.

A guerra havia deixado milhares de mortos – nunca se pôde precisar o seu número, a maioria por epidemias – assim como incalculáveis perdas materiais, dentro das quais a perda do Panamá. Liberais e conservadores compartilharam a culpa, os primeiros por ter feito daquela província um campo de batalha, e os segundos por haver dilatado, de modo nada realista, as negociações, autorizando a transferência da concessão do canal da companhia francesa para os Estados Unidos, assim como pelo descuido dos interesses da província. Nenhum deles nada lograra fazer para evitar a separação.

O Centenário converteu-se num campo de batalha para formar cidadãos capazes de enfrentar a civilização no novo século. Neste sentido, ha-

via que atrair vastas populações – inclusive às elites descontentes com as medidas politico-administrativas de Reyes – ao seio da mãe pátria colombiana através da língua, da religião e do culto aos heróis. Tudo com miras a instaurar a paz, necessária no caminho ao Estado nacional. Algumas das políticas de Reyes estavam longe de proporcionar segurança às elites de certas regiões como o antigo Cauca Grande. Nas cidades dos novos departamentos daquele antigo Estado Soberano, as elites apelaram também às imagens e símbolos usados em Bogotá para libertar-se dos medos e angústias trazidos pela lembrança de seus *cem anos de solidão*.

As elites do século XIX haviam criado símbolos e imagens que identificavam os neo-granadinos como inimigos da Espanha e do passado colonial. Agora, a partir de 1910, o inimigo estava não apenas ao norte do rio Bravo, havia-se deslocado ao outro lado da fronteira com o Panamá. O passado colonial já não era mais o inimigo porque as elites sentiam-se unidas entre si por meio da língua e cultura espanholas e da religião católica. Do século XIX apenas podiam resgatar os heróis que tanta glória haviam dado ao país, porém não as políticas mesquinhas, os debates ideológicos que haviam levado o país a uma luta que, cem anos depois, em nada havia ajudado. Convocou-se a antiga Mãe Pátria (Espanha) para discursar em meio às magoas, penas e ressentimentos contra o novo inimigo. O país ibérico serviria, nestes momentos de insegurança, de amálgama entre os diferentes grupos políticos, de signo de unidade nacional por meio da língua, da religião e da 'raça ibérica'. A Espanha também vinha de uma derrota frente ao mesmo inimigo. Durante o Centenário os discursos apelaram, uma vez mais, à natureza, à geografia e aos recursos suficientes para enfrentar o desafio do novo século.

#### UMA INDEPENDÊNCIA EM PERIGO

Num texto redigido em Bruxelas, em abril de 1908, o jovem liberal Enrique Olaya Herrera, futuro presidente da Colômbia (1930-1934), alertou o país acerca da crise gigantesca que o assolava quando apenas faltavam escassos dois anos para comemorar uma Independência que, segundo ele,

estava em perigo. Na Comemoração do Centenário, o bronze consagraria os heróis; o mármore falaria das glórias do país; poetas e prosadores narrariam legendários combates. Porém, frente a tais monumentos apresentar-se-ia a obra inconclusa dos emancipadores; os mármores não eliminariam o fato doloroso das inferioridades humilhantes; prosas rotundas e versos harmoniosos não calariam a angústia. As exposições industriais e agrícolas constituíam um esforço louvável, mas elas serviriam para demonstrar como – salvo casos excepcionais – os colombianos lavravam a terra com o mesmo elementar arado de um século atrás.

Entretanto, o que estava realmente em perigo era a nacionalidade e a independência colombiana arduamente conquistada. Olaya Herrera preocupava-se com a imagem internacional do país. A opinião pública dos países europeus considerava que os colombianos tinham inteligência e moralidade inferiores, quando não negativas; o povo era visto como um agrupamento anárquico incapaz de compreender o direito, de praticar a liberdade e civilizar-se. Caso a soberania colombiana fosse submetida às decisões dos grandes do planeta, o país com certeza seria apagado do mapa político por sua incapacidade de se autogovernar.

Crítico da política internacional, Olaya Herrera denunciou a tendência dos Estados Unidos na Conferência Internacional de Haia, que nunca se inclinara pelas soluções humanitárias e generosas. Em todas as situações os delegados norte-americanos haviam-se aferrado aos preceitos da força e da violência. O avanço norte-americano no domínio político apresentava-se sob diferentes formas e ameaçava especialmente os países caribenhos e as zonas contíguas à zona do canal do Panamá.

As nações centro-americanas não haviam compreendido que suas rixas davam oportunidade ao colosso do Norte para intervir em seus territórios, com risco de anulação completa de sua independência e soberania. O Canal do Panamá era o grande elo da cadeia. Os Estados Unidos precisariam de outras zonas estratégicas no Atlântico e no Pacífico; neste sentido, Cartagena, Buenaventura ou as ilhas de Galápagos seriam os novos territórios atingidos; todos os países tropicais estavam na mira. A absorção se faria por meio de intervenções em nome de sentimentos humanitários como em Cuba, ou de altos interesses da civilização, como no Panamá; ou de

meras conveniências como em São Domingos.

Frente à séria ameaça representada pelos Estados Unidos, Olaya Herrera fez um fervente chamado à união. Para conjurar o perigo, as nações hispano-americanas deveriam ter garantias fundadas em Tratados internacionais, numa organização política e financeira impecável, e num alto grau de progresso. No entanto, os recentes acordos internacionais pareciam-lhe ilusórios e ineficazes, todos os países da América hispânica encontravam-se em discórdia: passada a disputa pelas pendências fronteiriças entre Argentina e Chile, recrudescia a rivalidade entre o Brasil e a Argentina. Esta discórdia se evidenciara no Congresso Pan-americano de 1906 e na Conferência da Haia em que o Brasil demonstrou sua má vontade em relação à Argentina, não aderindo sequer à Doutrina Drago. As chancelarias peruana e chilena não haviam finalizado sua disputa por Tacna e Arica. Os países da América Central não chegavam a acordo nenhum. Entre a Colômbia e a Venezuela ainda não estavam solucionadas as pendências limítrofes. Um pacto entre os países hispano-americanos, tal como propusera o Libertador, era impossível naquele momento.

Nestas circunstâncias, Olaya Herrera apelava à unidade interna dos países na busca constante do progresso e da civilização, demonstrando às potências sua capacidade de autodeterminação sem ajuda externa. Era contando consigo mesmas e não em alianças impossíveis que estas repúblicas escapariam do imperialismo anglo-americano. O amor à pátria daria a energia necessária à defesa da terra natal contra possíveis agressões, à consagração do direito, à prática da ordem; somente assim se garantiriam a independência e as sólidas bases do bem estar.

Olaya Herrera admirava o desenvolvimento dos países sul-americanos, citando-os a cada momento como exemplo. Países que canalizavam seus rios, que aperfeiçoavam suas vias de comunicação e seu mecanismos agrícolas e industriais adquiririam, pela virtude mesma destes progressos, segurança interna e respeito internacional para sua existência soberana e independente. Do contrário, ocorreria a eliminação dos incapazes.

Resumiendo diremos que el esfuerzo de los países hispano-americanos, si quieren escapar a la dominación de los pueblos fuertes y voraces, debe

encaminarse al aumento de la producción económica, a la educación popular racionalmente dirigida, e a la propaganda (...) de las instituciones libres. Todo ello sobre el fundamento inconvencible de la paz (...) Si pueblos y partidos no deponen sus procedimientos belicosos y no entran por senda de orden y libertad que los haga colectividades respetables ya que no es posible hacerlas temidas, el siglo XX presenciara la desaparición de las Repúblicas Hispano-Americanas del trópico como entidades soberanas e independientes.<sup>6</sup>

O discurso de Enrique Olaya Herrera demonstra o conhecimento que a classe dirigente colombiana, da época do Centenário, possuía sobre a política internacional, sobre os movimentos das potências européias, e mais precisamente acerca dos passos que diariamente davam os Estados Unidos. Sabiam das alianças e das rivalidades entre os países do Cone Sul, como da política internacional das nações andinas. Neste sentido, é importante anotar a aproximação entre a Colômbia e o Chile, – um dos escassos convidados a comemorar o Centenário da Independência – assim como a admiração pelo desenvolvimento econômico argentino e por sua política frente aos Estados Unidos, especialmente a Doutrina Drago<sup>7</sup>, contraposta à Doutrina Monroe.

O texto de Olaya Herrera explicitou o ressentimento contra os Estados Unidos, não apenas pela perda do Panamá, que golpearia profundamente a elite colombiana, como também pela dolorosa situação vivida pela Espanha frente aos Estados Unidos perdendo Cuba, Porto Rico e Filipinas. Frente aos Estados Unidos havia que demonstrar a existência de uma raça e de uma língua diferentes e, neste sentido, o hispanismo seria a arma usada contra a cultura protestante e anglo-saxônica do Norte.

Para Olaya Herrera, os principais elementos na construção do nacionalismo eram o progresso e a civilização, e neste ponto seu discurso se aproximava daquele do presidente Rafael Reyes. Durante este governo, a cultura do café estava-se intensificando e atingindo vastas zonas do país. As vias de comunicação passavam a jogar papel primordial. A bonança cafeeira não chegaria a dar seus frutos durante o quinquênio, nem durante o governo de Ramón González Valencia, 1909-1910; porém, a partir de 1911 os milhares de pés de café plantados a partir de 1904 começariam a

dar melhores esperanças à economia colombiana. Somente a análise do discurso de Rafael Reyes poderá confirmar se o ditador, como já era conhecido na época pelos seus adversários e hoje pela historiografia, também estaria relacionando o desenvolvimento da Colômbia com a próxima data comemorativa dos cem anos de Independência. Também para ele, as mudanças radicais deveriam ser implantadas pela elite e não pelas massas. Assim, frente ao novo inimigo externo, as elites colombianas não apelaram desta vez à categoria *cidadania* como síntese do projeto nacionalista, tal como na primeira metade do século XIX contra a Espanha e o sistema colonial. Os indígenas, agora, seriam totalmente desqualificados; os 'outros' eram considerados apenas como crianças, indiferentes aos problemas nacionais.

#### OS CENTENARISTAS

Após a queda de Rafael Reyes em 1909, vários políticos liberais e conservadores como Carlos E. Restrepo, Benjamin Herrera e Enrique Olaya Herrera lutaram para acabar com as diferenças partidárias e ensaiaram uma nova força política em torno a um novo partido: a União Republicana, que obteve a maioria na Assembléia Nacional e elegeu o presidente Carlos E. Restrepo. Segundo Gerardo Molina, esta nova geração foi marcada em sua adolescência por três episódios dramáticos: a guerra dos Mil Dias, a perda do Panamá e a ditadura de Reyes. A primeira teria deixado neles a repugnância pelas soluções violentas e o ódio ao sectarismo. A desagregação do istmo produziria nesta geração uma reação nacionalista e anti-imperialista. Os *centenaristas* foram comedidos na palavra e no agir, porém desmesurados no objetivo proposto: a civilização do país. O balanço da primeira centúria de vida independente era aterrador e os humilhava saber que a Colômbia era o país que mais guerras civis havia enfrentado em apenas um século. Apropriando-se da fórmula "civilização ou barbárie" de Sarmiento, eles assumiram como seu dever fazer o país passar da segunda para a primeira categoria. A arma mais poderosa para desenvolver seus objetivos seria a imprensa diária, o público acostumou-se ao anúncio, ao

editorial rápido, meio pelo qual atingiam a sua clientela preferida: a classe alta e a classe média. Para civilizar o país era importante, em primeiro lugar, identificar-se com a nação e com o que nesta houvesse de profundo e afetivo; o amor à pátria era essencial. Propunham uma união sagrada: eliminar as barreiras entre os partidos, nacionalizar as instituições, silenciar as disputas religiosas, desterrar do Exército o pretorianismo golpista, purificar as finanças, solucionar as disputas com as nações vizinhas e reconciliar as classes sociais. Reduzir as brechas culturais com a Europa era um outro objetivo e por isso, não apenas desenvolveriam a imprensa como também fundariam muitos colégios, incentivando as artes e a pesquisa<sup>8</sup>. As elites de Bogotá recorreram a vários símbolos e imagens para poder criar entre os colombianos a unidade nacional desejada: cultura e “raça ibérica”, heróis, a imagem da Grande Colômbia, a língua espanhola e a religião católica, dentre outros, foram os imaginários que ajudariam, a partir de 1910, a inventar o Estado nacional colombiano. Vejamos como as elites calenhas levaram à frente o projeto nacionalista durante as festas comemorativas do Primeiro Centenário de Independência. Processo guiado desde Bogotá pelas elites no poder político, econômico e social

#### O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA EM CALI: O ENCONTRO COM O FUTURO E A NEGAÇÃO DO INFERNO

A comemoração do Centenário em Cali foi marcada pela angústia frente à situação vivida até então em todo o território colombiano; a incerteza acabrunhava a todos que olhavam o passado como o responsável por todas as crises. No passado haviam-se desenrolado as lutas políticas que radicalizaram as paixões de conservadores contra liberais e vice-versa. Se o passado era culpado pela situação de crise, o presente estava ali para lembrar que as coisas ainda não haviam mudado por completo. Assim, o passado e o presente foram identificados como tempos ingratos. A comemoração reinterpretou o passado, para negá-lo; e redefiniu o presente por meio de novas representações políticas, econômicas e sociais, para ensejar um futuro melhor. A função do imaginário é instaurar, fechar, preencher

vazios<sup>9</sup>. As elites calenhas queriam libertar-se da realidade vivida até então, melhorar as perspectivas do presente, conseqüência do passado, e deram-se conta que não poderiam fazê-lo de imediato; mas a Festa do Centenário permitiu-lhes realizar a reconstrução imaginária do real, transgredindo as imagens feitas acerca da realidade do passado e do presente para gerar representações que poderiam vir a ser reais no futuro<sup>10</sup>. No ato público realizado pelo Colégio de Santa Librada a 10 de julho, o discurso do reitor Manuel Carvajal V. apontou a tarefa essencial: abandonar o sectarismo, livrar-se do domínio das ambições pessoais, causas das inúmeras desgraças do país<sup>11</sup>. Segundo outro orador, Francisco A. Magaña, o sectarismo não havia permitido à Colômbia lograr seu desenvolvimento econômico, os meios de comunicação ainda estavam longe de servir à prosperidade e à integração dos mercados e do território colombiano em geral. A administração colonial não tinha conseguido assegurar a comunicação do centro da Colômbia com os mares e, cem anos depois da independência, o problema permanecia sem solução:

hemos seguido presos de las redes de nuestros montes, fuera del universal movimiento, y aislados de nuestros hermanos vecinos para anular hasta los intentos de dar empuje activo y fructuoso a nuestras rutinarias industrias.”<sup>12</sup>

Francisco A. Magaña convocou os professores e alunos do colégio a uma façanha comparável àquela de cem anos atrás, quando os heróis da independência imaginavam já eliminada a opressão e vislumbravam dias melhores, repletos de paz e progresso; havia que comemorar como aqueles pensadores, ensaiando sacudir o peso do passado asfixiante<sup>13</sup>.

O sectarismo seria causa e conseqüência da violência. Na sessão realizada no Teatro Borrero a 19 de julho, Teodomiro Calderón indicou a existência de uma linha de continuidade entre os conflitos que opuseram os patriotas federalistas e centralistas, o sangrento assédio a Cartagena pelas tropas realistas do “pacificador” Morillo, a guerra e o martírio dos heróis.<sup>14</sup> Embora o processo de independência estivesse encharcado pela violência, sua comemoração encheu corações e mentes de júbilo e de orgulho.

As guerras libertadoras tinham criado heróis que hoje podiam ensinar aos colombianos lições de honra e coragem, convertendo-se assim nos ídolos que marcariam o caminho a seguir. O culto aos heróis foi o alívio que permitia recuperar a honra, a dignidade em meio às culpas, às lembranças de sangue e de ódios proselitistas. O Governador do recém-criado Departamento do Vale do Cauca, ao entronizar na sala do Cabildo de Cali o retrato do herói local da independência Joaquín de Caycedo y Cuero, doado pela *Junta de Ornato*, explicitou o contraste entre a memória gloriosa das lutas da Independência e aquela, sombria, das jornadas vergonhosas de vida independente. O governador estava seguro de que a ausência de patriotismo levara a Colômbia à decadência, comprometendo o tempo e os esforços, ceifando vidas importantes e robustas aos milhares por quimeras e desvarios insanos, derrubando a cada passo os ídolos que se havia alçado.<sup>15</sup>

O discurso de Jorge Zawadzky, membro da *Junta de Ornato*, deixara clara a intenção da cerimônia de inauguração do retrato de Joaquín Caycedo y Cuero no Cabildo. As guerras civis haviam obscurecido a memória de eventos e figuras ilustres que o Centenário permitia resgatar:

como consecuencia natural, se hallan aniquilados los sentimientos de nacionalidad, los cuales constituyen el alma de los pueblos y su vínculo de unidad más potente.<sup>16</sup>

Assim, para sair da miséria e do atraso, havia que eliminar a violência, substituindo o sectarismo partidário pelo patriotismo, fixando a memória e o respeito aos heróis da Independência e isolando definitivamente essa época memorável do passado recente que deveria ser esquecido para sempre.

O herói mais evocado foi, sem dúvida, Simón Bolívar. Alguns dias antes da data maior da comemoração, Ismaelina Colmenares, diretora da Escola de Meninas nº 3, doou uma imagem do Libertador ao Conselho Municipal. Uma aluna da instituição discursou no ato de entrega, tendo o presidente do Conselho, Guillermo Borrero, agradecido com breves e eloquentes palavras. O governador do Departamento criticou o desinteresse manifestado até então pela municipalidade em relação ao patriotismo. Tam-

bém foi oferecida uma cópia da Declaração de Independência elaborada pelo Cabildo de Bogotá em 1810, motivo pelo qual o Conselho agradeceu envergonhado:

dense las gracias. en galante comunicaci3n, al se1or doctor Ignacio E. Copete por haber suministrado a este Concejo el Acta de nuestra Independencia, y que quede el testimonio como una ense1anza para las generaciones venideras, de que nuestras luchas intestinas han sido causa del desgre1o en que hemos vivido, que todo lo han trasegado hasta el punto de no encontrarse en el archivo del Concejo un documento de tanta importancia nacional.<sup>17</sup>

A coloca3o da primeira pedra da est1tua de Joaqu3n de Caycedo y Cuero, na pra3a central da cidade, era outro grande passo na constru3o do nacionalismo, do futuro; ela representava o enlace entre 1810 e 1910. O interregno infeliz devia ser esquecido e o her3i ajudaria na constru3o do futuro, como prop3s Francisco A. Maga1a na sess3o comemorativa organizada pela Sociedade Vale-Caucana de Jurisprud3ncia.<sup>18</sup> O Centen1rio era, assim, o momento prop3cio para reavivar a chama do patriotismo enfraquecida pelas convuls3es internas. Conjurando a ang3stia face 1 incerteza do novo s3culo, o juramento aliviava os 1nimos dos celebrantes, unindo-os para seguir adiante :

juremos por la memoria de los pr3ceres sacrificar ante el altar de la patria nuestros odios pol3ticos y nuestras ambiciones personales, para el bien de Colombia.

Al3m da reconcilia3o pol3tica tamb3m era preciso unir for3as na defesa nacional, frente a outro poss3vel ataque estrangeiro. O juramento reacquecia a mem3ria da perda recente do Panam1:

y si alg3n d3a el extranjero audaz intentare arrebatararnos nuestra soberan3a e independencia, volem3 nosotros, los varones, a defenderla con la bravura del le3n enfurecido, y vosotras las mujeres -el ideal m1s noble del amor en la esfera de lo humano - gritandos sentonces, parodiando a las

madres espartanas cuando lanzaban a sus hijos al combate, gritadnos : volved con el escudo de Colombia libre o morid sobre él.<sup>19</sup>

Assim, a festa promovia a comunhão entre os participantes envolvendo-os no fervor patriótico: homens e mulheres nutridos de coragem para resistir a qualquer nova humilhação. A evocação do inimigo externo acentuava o sentimento de amor à pátria. Em meio às polcas, valsas, referências ao Império Romano, à Grécia, às Gálias, Tróia, Esparta e outras imagens da cultura européia clássica, os ânimos apontavam também para o anti-imperialismo. Ao contrário do que ocorria em Bogotá e em várias capitais hispano-americanas, a elite calenha preferiu esquecer a mãe pátria Espanha; o Conselho Municipal, na sessão ordinária de 11 de julho, recusou por maioria a proposta de Jorge Zawadzky de dar ao porto fluvial de Juanchito, no rio Cauca, o nome de Puerto España, mantendo a denominação de Puerto Mallarino aprovada anteriormente.<sup>20</sup> Andrés J. Lenis, no discurso de inauguração do parque Caycedo pela *Junta de Ornato*, a 21 de julho, declarou que a Espanha era uma lembrança negativa,

por la desviación del criterio y por los aberrantes fanatismos (...) Si los atavismos que nos legó aquel gran pueblo no siguen perturbando nuestra marcha hacia el adelante, si somos ya lo bastante cuerdos para conducirnos en serena armonía sin provocar de hoy más la tragedia del exterminio, cuántas serenas lontananzas nos reserva (el) futuro que pone su planta ante nuestra vista con estas obras denunciadoras de una saludable evolución!<sup>21</sup>

Na Sessão Solene da Sociedade Vale-Caucana de Jurisprudência, o doutor Luís F. Rosales atribuiu a perda do Panamá à traição vil e à cobiça e anunciou que a Colômbia protestaria eternamente contra o inimigo poderoso que a despojara, evitando o suicídio de legitimar-lhe título – ou seja, reconhecer a independência da ex-província - para que este carregasse para sempre o fardo de sua iniquidade.<sup>22</sup> Havia que demonstrar ao imperialismo moderno que nem sempre a couraça da força sobrepõe-se à toga do direito - palavras do reitor Manuel Carvajal diante dos alunos da Escola de Santa Librada.<sup>23</sup>

## OS IMAGINÁRIOS A EDUCAÇÃO

La hora es propicia para la redentora acción que en bien de la Patria habrá de ejecutar la juventud. Ella dispone, bajo auspicios favorables, de un amplio escenario abierto a todas las esperanzas.

*Manuel Carvajal*

A violência e as guerras tinham deixado no seu rastro uma altíssima percentagem de analfabetismo que concorria para a incivilização. A educação teria que se expandir por toda Colômbia, com resultados rápidos e fecundos. Segundo Francisco A. Magaña,

en tanto que seamos ignorantes, mientras no nos esforcemos por difundir la Instrucción Pública haciéndola práctica, sólo seremos para los contemporáneos y para los hombres del porvenir, unos indolentes que no hemos sabido preparar, educándolas a las generaciones presentes.

Não havia tempo para planejar a longo prazo. Os jovens e as crianças deveriam internalizar as expectativas dos novos ideais, do novo imaginário. Eles poderiam imaginar outra forma de vivência mediante outras práticas políticas e sociais. Cabia ajudá-los a construir outra realidade social:

la juventud es el camino del porvenir: el porvenir exige movimiento hacia adelante. Ella es siempre la protesta contra los obstáculos que se oponen a las auroras que señalan el derrotero por donde se llega a la altura de los que han divisado el nuevo día. Cuando la Patria llora en el abismo de las sombras, en la juventud no se ve abatimiento, sino que se oye el grito que deshace las dificultades que interrumpen la marcha progresiva de sus designios (...) Su acción tiene la eficacia de los nacientes blancos rayos que penetran en las entrañas de la noche para llenar con sus fulgores el espacio. La juventud es la mano del tiempo, que destruye, que guarda y que prepara.<sup>24</sup>

O reitor Manuel Carvajal propunha que a juventude por inteiro deveria ter acesso à educação liberal, e não apenas as elites; o país necessitava imperiosamente que as novas gerações tivessem sempre em mira o objetivo das almas grandes: o cumprimento do dever por si mesmo, elevando seu caráter.<sup>25</sup> Somente por meio da educação se conheceria a liberdade conquistada há cem anos, assegurou Roberto Jaramillo, vice-presidente da Sociedade de Artes e Ofícios, em sessão solene realizada no Colégio de Santa Librada a 23 de julho. Os povos mergulhados na ignorância tendem ao servilismo; para aprender a amar à pátria e conhecer os deveres era preciso unir-se e lutar para que o Governo, qualquer que fosse, implantasse a verdadeira instrução popular que ensinaria, antes de tudo, a ser livres.<sup>26</sup>

A memória do Centenário de Independência foi guardada também com a fundação da Biblioteca do Centenário, inaugurada no dia 20 de julho para render uma digna homenagem aos pais da Pátria. Criada pelo governo do Departamento, a biblioteca reuniu inicialmente vários volumes comprados, mais 800 tomos obsequiados pelo Instituto Literário e outros doados por bibliotecas de Paris, Madri, Barcelona e Bogotá.. No ato de fundação desta instituição, o general Lucio Velasco, em nome da Junta Municipal do Centenário, doou um quadro do Libertador Simón Bolívar, cópia do original feito em Japio em 1821 por Joaquín Santibáñez.<sup>27</sup>

A fundação da Biblioteca não representava um investimento para a educação apenas, mas também para a paz, prosperidade, respeito aos direitos humanos. Mario de Caicedo L. discorreu sobre a importância dos livros e das bibliotecas na Antigüidade, a obra dos enciclopedistas precursores da Revolução Francesa, e a tradução dos Direitos do Homem por Antonio Nariño, apontando o caminho a seguir no futuro: a liberdade de pensamento como base do progresso e da tolerância. Os livros da biblioteca mostrariam às mentes as armas com que se deveria lutar no segundo século de vida independente.<sup>28</sup>

## A PAZ

Na construção imaginária do futuro, a paz era indispensável para o progresso e a civilização. Não poderia haver educação em meio a guerras

civis, sectarismo e ódios partidários. No sermão da missa solene na Igreja Catedral de São Pedro, o padre Uladislao González afirmou que só se poderia alcançar a paz por meio do amor a Deus e à Pátria. Fez um apelo à liberdade como base da paz, como ideal eterno, à justiça, ao fortalecimento da moral, que se deixasse de lado os egoísmos e as baixas paixões. A ingovernabilidade e a injustiça tinham caracterizado o povo colombiano até então: “lástima señores que en los principios de esta nueva vida no brillara con todos los resplandores la justicia; lástima que esos principios no estén del todo limpios del polvo del camino.”<sup>29</sup>

Para conjurar a violência e instaurar a paz, devia-se aprofundar nas mentes dos colombianos o sentimento religioso. Ao final do século a Colômbia fora consagrada ao Sagrado Coração de Jesus e, embora logo tivesse ocorrido outra guerra mais, esta parecia ter sido a última. Por isto, as elites calenhas confiavam na religião. No dia 22 de julho houve na igreja de São Francisco uma cerimônia religiosa seguida da inauguração de uma estátua em bronze do frade franciscano Damián González, que havia conciliado os calenhos durante as guerras civis e incentivado muitas obras públicas, como o cemitério central, a torre e o relógio da catedral. As esperanças deviam purgar-se no escrutínio do passado. Para sair da crise, havia que reconhecer e admitir as culpas. Assim, o sermão de frei Nicolás Giner lembrou a bondade de frei Damián, mas também os maus momentos vividos no século anterior:

No quiero dejar de recordaros, señores, aquellos días de infausta memoria, en que agitada nuestra querida República por crueles y sangrientas guerras civiles, y divididos en irreconciliables partidos y facciones enemigas los habitantes de esta ciudad, próxima a ver regada sus calles con sangre fratricida, Dios envió al inolvidable Padre Damián como Ángel de Paz para impedir tan sangrientas y crueles desgracias. Interponiéndose entre las facciones enemigas, hízoles retirar las armas, calmar sus furiosos enojos, deponer sus ciegos rencores procurándoles la reconciliación, ya con dulces avisos, ya con reprensiones saludables, ya con amenazas de los castigos divinos; y era cosa de admirar ver a hombres desalmados y ebrios de furioso coraje, postrados a sus pies como mansos y pacíficos corderos a la presencia del humilde continente, al eco de las dulces y amorosas

reconvenciones del querido y respetado de todos. ¡Oh efectos admirables y prodigiosos de la bondad y caridad del padre Fray Damián!<sup>30</sup>

Mas havia que construir o futuro com esperança e otimismo, como Roberto Jaramillo, vice-presidente da sociedade de Artes e Offícios:

¡Oh Patria, Patria! Los negros nubarrones en que se anidaron ayer no más las tempestades, han desaparecido de tus horizontes y en su lugar, ved ahora como están hermanados como un prodigio especial los rosados matices de la aurora con los dorados arboles de la tarde, como para armonizar a la generación que acaba con la generación que se levanta, y si ayer se cubrió de luto la tormenta, un sol más bello y un cielo azul te alumbrará mañana.<sup>31</sup>

Tudo residia no amanhã. A festa destruía o passado resgatando dele apenas os heróis, estes não estavam mortos, ainda viviam e continuavam presentes na qualidade de estátuas ou de retratos. Essas pompas fúnebres “marcam o seu acesso a uma outra vida, à imortalidade cívica, uma vez que os heróis não morrem. O morto como indivíduo desaparece por trás da significação política da sua vida; ele se transforma numa imagem, a de um modelo de inspiração para as gerações futuras.”<sup>32</sup> Na sessão do Conselho Municipal em que foi lida a Ata de Independência, no dia 20 de julho, o governador Guillermo Borrero, oficiante maior nesta cerimônia da religião cívica do Estado, transferiu com sua oração a sacralidade das imagens religiosas tradicionais às imagens dos heróis da Pátria, pedindo-lhes que se animassem:

imagem de Bolívar, las de Sucre, Santander y demás próceres, animaos !! brotad de esos lienzos que os retienen, y mandad cerrar las filas, que comienza la grandiosa batalla del progreso al amparo de la paz y del trabajo. Escuchad las descargas a lo lejos! (...) su estruendo nos anuncia la carrera triunfal y majestuosa de la señora de la tierra que descende a nuestro Valle, rodeada de un cortejo de esperanzas y alegrías: la civilización! que también trae en su seno desengaños y dolores.<sup>33</sup>

## O PROGRESSO

En no lejano día cuando el monstruo del vapor nos despierte con el silbido de serpiente podremos decir: Nos hemos salvado, nuestros hijos recogerán el manojito de canas que hemos arrojado en el camino de la vida y saborearán el esfuerzo que hemos hecho llevando a feliz término esta simpática institución.

*Rafael A. Scarpetta*

O programa regenerador de Rafael Núñez e Miguel Antonio Caro fixado pela Constituição de 1886 pretendia cassar definitivamente as liberdades, considerando-as responsáveis por tanto sangue derramado. A Regeneração propusera então centralizar o país em nome de uma só constituição, um só exército e um único poder legislativo e executivo; a unificação nacional foi um projeto conservador e se fez à força de limitar as liberdades individuais e políticas da população.

Embora a Hegemonia Conservadora tivesse assegurado um período relativamente tranqüilo de estabilidade política, com exceção da guerra dos Mil Dias (1899-1902), deve-se anotar que no cenário regional as novas políticas colocadas em andamento no centro fortaleceram as rivalidades que vinham gestando desde anos anteriores a 1886. A nível nacional, a exportação de café logrou avanços significativos, sobretudo depois da mencionada guerra, na qual os exportadores liberais conseguiram obter muitas vantagens até então negadas pelos conservadores no poder. No período que vai desde 1900 a 1929 houve expansão das fronteiras agrícolas e crescimento econômico em geral, pois a centralização política se traduziu em todo tipo de apoio à expansão da produção do café para exportação com um impacto progressivo no desenvolvimento capitalista e na estrutura social do país.<sup>34</sup>

Uma das causas das guerras civis que a Constituição de 1886 veio a eliminar foi o poder excessivo de certas elites regionais, por meio reordenamento territorial. O Cauca Grande, cujos limites estendiam-se desde

o Panamá até a Venezuela, fazendo fronteira com o Equador, o Peru e o Brasil, foi um dos grandes Estados Soberanos desmembrados. A hegemonia exercida sobre esta imensa região havia permitido às elites de Popayán mobilizar milhares de peões indígenas sempre que decidiam marchar até o centro do país e tomar Bogotá. Sob a presidência do general Rafael Reyes (1904-1909), o Cauca Grande foi dividido em vários Departamentos, abrindo perspectivas de progresso para regiões em fase de desenvolvimento que sentiam-se bloqueadas pelas elites de Popayán. Era o caso, especialmente, da região norte do Cauca Grande, agora Departamento do Vale do Cauca, e do sul, no atual departamento de Nariño. O reordenamento territorial aumentou as rivalidades entre a elite dominante de Popayán e as daquelas regiões. A nova situação ainda não se consolidara à época do Centenário. Os representantes políticos de Popayán não se resignavam a perder a liderança regional e ainda procuravam convencer o Congresso a devolver-lhe os antigos limites.

Nestas condições, a imagem mais poderosa de redenção pelo progresso acionada na comemoração do Centenário pela elite vale-caucana foi a da locomotiva. A ferrovia ligando Cali ao porto de Buenaventura, no litoral do Pacífico, estava em obras, anunciando a chegada do desenvolvimento econômico tão ansiado durante o século precedente. O Departamento concentrava esperanças no cultivo de cana e na venda de açúcar refinado que já se produzia desde 1903 no engenho Manuelita da família Eder.<sup>35</sup> Para inaugurar o progresso, organizaram-se cerimônias imponentes de colocação da primeira pedra da estação ferroviária e de uma linha de bondes conectando o rio Cauca com o centro da cidade, inaugurou-se a iluminação urbana e a nova rede de abastecimento de água. Com estas obras públicas e com a condição de capital de um Departamento, Cali esperava tornar-se um dos principais centros políticos, sociais e industriais do país.<sup>36</sup> Um engenheiro foi contratado para esboçar o plano da cidade renovada; a cidade deveria converter-se numa das mais formosas do país, abrindo avenidas e passeios públicos. Muitas árvores foram plantadas pelos alunos das escolas.<sup>37</sup>

O apelo às imagens espetaculares do progresso não eliminava o medo frente ao futuro. A festa estava aberta a todas as indeterminações. O progresso era, nesses momentos de incerteza, um bom aliciente; mas trazia

também o medo de realidades desconhecidas. Manuel Carvajal, reitor do colégio de Santa Librada, observou que

tras las deslumbrantes manifestaciones de progreso, se ocultan elementos morbosos, así como en el fondo de las grandes arterias fluviales, que imponen por su majestad y belleza, se encuentra lodo y podredumbre.<sup>38</sup>

Vislumbrando o lado problemático das situações que o desejo queria construir, adivinhando elementos que no futuro poderiam vir a ser causa de intriga e de exclusão, o padre Uladislao González explicitou melhor esses pressentimentos:

si el espíritu cristiano no conserva entre nosotros su supremacía en la sociedad, si el cristianismo no infunde más y más su soplo libertador, en los que gobiernan y en los gobernados, si los católicos de Colombia no cierran sus filas para hacerse fuertes contra las invasiones del mal y del error, vendrá pronto a la patria, con todos los inventos y con todos los progresos materiales, un despotismo desconocido en la historia nuestra; vendrán las falsas doctrinas contra la fe, vendrán las logias masónicas a reinar entre nosotros, vendrá el socialismo, vendrá la anarquía; de nuestras libertades se hará una enorme hecatombe, seremos todos un solo esclavo, para presenciar como se ahorca al último gobernante con las entrañas del último sacerdote.<sup>39</sup>

Nesta hesitação entre a mentalidade conservadora e o desejo de progresso, Jorge Zawadzky manifestou-se com firmeza por este último. A elite calenha deveria perseguir o futuro sem se importar com os eventuais momentos de infortúnio que o progresso poderia vir a trazer. Cali deveria fundar o progresso e a festa era o momento preciso para isto:

no hay empresa, no hay obra. no hay labor que no sea factible cuando la voluntad dirige y sirve de sostén. El deseo inherente en el hombre de lucha y de progreso lo vence todo.<sup>40</sup>

O discurso pronunciado por Belisario Zamorano na festa de inaugu-

ração do terminal da linha de bondes no porto de Juanchito a 20 de julho reforçou a confiança no futuro e enfatizou a impossibilidade de permanecer preso ao passado. A ferrovia e o bonde fariam da cidade de Cali uma das mais formosas, não só do país, senão de toda a América Latina, comparável no futuro com Valparaíso no Chile. Denominada *La Sultana del Valle* por sua beleza no meio do exuberante vale do rio Cauca, tornar-se-ia certamente *Perla del Pacífico*, um dos portos mais importantes do continente. Os apitos da locomotiva, do bonde e dos vapores fluviais despertariam os habitantes de Cali da sonolência em que viviam até agora. Tais apitos, que já se faziam ouvir na viagem inaugural do centro ao porto fluvial, chamavam-nos a seguir outra rota, a viver uma vida de povo civilizado, distinta daquela que tinham vivido até então, como tribos selvagens, matando-se entre si mesmos. Para instituir o imaginário do progresso era necessário demolir a mentalidade marcada pelo passado violento. O progresso se antepunha à barbárie. Belisario Zamorano pressentia que a transformação social estava próxima, já podia ser apalpada, seu impulso era irresistível. Antecipou para os ouvintes como seria uma noite de gala na praça Caycedo:

la impresión que causa ese espectáculo que presenciamos ya, con tanta frecuencia, es la impresión de una ciudad de quinientos mil habitantes, a la cual han llegado, ese día, el tren del Tranvía, repleto de gentes, venidas en uno de los Vapores del Puerto fluvial Mallarino; y también, el Tren del Ferrocarril del Pacífico, con gentes llegadas al puerto marítimo de Buenaventura. Ah! Esto será, señores, un sueño mío; pero es un hermoso sueño, que creo es vuestro también. Señores, os suplico digais conmigo: ¡Viva el Progreso, viva el Pueblo del Valle!<sup>41</sup>

O discurso do general Joaquín Caycedo Albán, na inauguração do Parque Caycedo, mostra como um representante da elite dirigente da cidade de Cali, herdeiro do herói homenageado, vislumbrou no tempo especial da festa do Centenário o futuro, viu-o, tocou-o como se fosse a própria realidade e não um sonho, uma loucura:

Oh! dejadme señores entrever esta querida Patria en el grandioso futuro que mi fantasía le forja a los golpes de mi amor a Colombia. Nuestros ríos

humillarán sus lomos al peso de las naves que surcarán sus aguas llevando al tope el glorioso tricolor de nuestros Padres; nuestras cordilleras sentirán en sus flancos hundirse las garras poderosas de los rieles; nuestras escuelas, extendidas por doquiera, enseñarán a nuestros hijos que la primera necesidad del hombre es la de ser libre, nuestras ciudades, rodeadas de parques y jardines, elevarán al aire los penachos de sus fábricas y llenarán sus calles con el bullicio del progreso; rebaños inmensos como las estrellas que luce nuestro hermoso cielo, pacerán tranquilamente en las llanuras y pregonarán en sus lentos mugidos nuestra alianza cariñosa con la Paz, y el oro de nuestras minas, lo aventaremos en cantidades fabulosas a los codiciosos del mundo. Seremos ricos, y por serlo, seremos poderosos también, y cuando aparezcan, no ya la sombra de nuestros Caciques en crepúsculos sangrientos, sino la de nuestros Libertadores en luminosos celajes matinales, una hermosa sonrisa de orgullo satisfecho nos dirá que sí fuimos dignos del dón que nos legaron, que sí comprendimos sus brillantes ensueños en pos de los cuales fueron hasta el sacrificio y que al fin aprendimos a hermanar la Libertad que ellos nos dieron con la conquista del Progreso que nosotros hemos alcanzado, no menos glorioso que aquella y su obligado complemento.<sup>42</sup>

Num tom mais realista, porém igualmente confiante, Hernán S. Böhmer, representante da *Compañía Constructora del Tranvía*, declarou que a inauguração da primeira empresa ferroviária anunciava a redenção industrial do Vale do Cauca.<sup>43</sup> Segundo Juan de Dios Restrepo, cada segmento da linha de bondes representava a redenção de um pedaço da pátria. A inauguração deste sistema de transporte prolongava o feito glorioso acontecido cem anos atrás. Após a gesta emancipadora tudo havia permanecido suspenso, tudo por se fazer. A tarefa de construção fora obrigada a esperar por “ese siglo entero de vagar en extravío”. Mas o desejo de progresso já começava a generalizar-se, como demonstrava o concurso dos grandes e dos pequenos investidores tornando possível a obra.<sup>44</sup>

O discurso festivo mostra uma sociedade em crise que desejava viver, depois de um século de independência política e de violência, outros tempos. Fugindo de suas prisões, temores e medos, ia estabelecendo outra representação de si mesma. Reconheceu-se num passado triste, mas como uma sociedade progressista, capaz de identificar as causas de seus proble-

mas para construir outra realidade social, baseada no progresso, na paz, na educação e civilização. A festa enumerou os problemas e estabeleceu as novas metas. A sociedade calenha e colombiana em geral mergulhou no seu passado para tratar de sepultá-lo. A angústia face ao tempo assumia aqui a forma de uma fuga para o futuro, ignorando a tentação de um refúgio no passado.<sup>45</sup>

#### NO ENTANTO, MACONDO SERIA ARRASADA E DESTERRADA DA MEMÓRIA...

Explicitaremos aqui nosso diálogo com a literatura colombiana. É como se em Bogotá e outras cidades, o Centenário tenha permitido tentar, de uma vez por todas, e de maneira lúcida, desvendar os manuscritos de Melquíades, onde se relatava a história e destino trágico, geração por geração, de um povo condenado a cem anos de solidão. Desta maneira, Aureliano Babilonia “só então deparou que Amaranta Úrsula não era sua irmã, senão sua tia, e que Francis Drake havia assaltado Riohacha só para que eles pudessem buscar-se pelos labirintos mais intrincados do sangue, até engendrar o animal mitológico que havia de pôr término à estirpe”.

A República fora engendrada em meio às paixões mais desenfreadas, concebida e criada depois em tramas ideológicas indecifráveis, no fragor de enfrentamentos antagônicos. O parto havia sido demorado, induzido; as guerras pela Independência entre 1810 e 1819 provocaram danos irreparáveis à cabeça da nova criatura. A partir de então, ao invés de soprarem melhores ventos para refrescar o novo panorama republicano, vieram tempestades que pouco a pouco foram convertendo o cenário nacional numa encruzilhada de onde difícil era escapar cem anos depois. Ventos com sabor a sangue, ainda quentes pelas guerras, bafejaram as elites que reviveram o passado trágico, numa história centenária na qual ninguém tinha sido feliz em Macondo. Porque todos, de uma ou de outra maneira, haviam-se entregado à frivolidade e às desordens do corpo desenfreado...

entonces empezó el viento, tibio, incipiente, lleno de voces del pasado, de

murmúlos de gerânios antigos, de suspiros de desenganos anteriores a las nostalgias más tenaces. No lo descubrió porque en aquel momento estaba descubriendo los primeros indicios de su ser, de un abuelo concupiscente que se dejaba arrastrar por la frivolidad a través de un páramo alucinado, en busca de una mujer hermosa a quien no haría feliz. Aureliano lo reconoció, persiguió los caminos ocultos de su descendencia, y encontró el instante de su propia concepción entre los alacranes y las mariposas amarillas de un baño crepuscular, donde un menstrual saciaba su lujuria con una mujer que se le entregaba por rebeldía.

Em 1910, a Colômbia parecia estar à beira do colapso total e aqueles ventos convertidos em tornado ameaçavam arremeter contra as bases do Estado-nacional. Aureliano Babilônia, absorto, não sentiu a segunda arremetida do vento, cuja potência ciclônica arrancava portas e janelas, desmanchando o teto da galeria oriental, abalando os alicerces. Macondo era um pavoroso redemoinho de pó e de escombros centrifugados pela cólera do furacão bíblico. As elites do Centenário não resgataram todos os detalhes de sua história; os acontecimentos se apresentavam difusos, como se escritos numa língua morta. Ademais, os últimos feitos da história da Colômbia eram já bastante conhecidos e era melhor não se envergonhar mergulhando e sucumbindo aos detalhes. Então Aureliano saltou onze páginas para não perder o tempo em fatos demasiado conhecidos, e começou a decifrar o instante que estava vivendo, decifrando-o na medida que o vivia, profetizando-se a si mesmo no ato de decifrar a última página dos pergaminhos, como se estivesse a ver-se num espelho falado.

O recurso servia para criar uma nova esperança; o progresso, a paz, a civilização, a educação eram os ingredientes capazes de acabar com a barbárie. Surgia então a solução, o país seria feliz se seu povo fosse culto e civilizado. A infra-estrutura, embora insuficiente, poderia melhorar e favorecer novas alternativas. O café teria que se converter finalmente na redenção do país. Mas a concórdia não poderia arraigar-se em corações plenos de rancor centenário, como aquelas plantas pré-históricas, charcos fumegantes e insetos luminosos que haviam desterrado do quarto de Aureliano Babilônia todo vestígio do passo dos homens pela terra. Pelos caminhos colombianos somente as cabras e as mulas podiam transitar, com dificulda-

de, mas era ainda possível transformá-los em estradas que tirassem Macondo de seu isolamento e mostrassem a saída para o mar, que sempre fora o desejo de Aureliano Buendía. Se bem que a água tivesse chegado ao pescoço dos colombianos, um milagre ainda poderia acontecer,

entonces dio otro salto para anticiparse a las predicciones y averiguar la fecha y las circunstancias de su muerte. Sin embargo, antes de llegar al verso final ya había comprendido que no saldría jamás de ese cuarto, pues estaba previsto que la ciudad de los espejos (o los espejismos) sería arrasada por el viento y desterrada de la memoria de los hombres en el instante en que Aureliano Babilonia acabara de descifrar los pergaminos, y que todo lo escrito en ellos era irreplicable desde siempre y para siempre, porque las estirpes condenadas a cien años de soledad no tenían una segunda oportunidad sobre la tierra.

Esperamos hoje pela paz em tempos ainda piores de aqueles já vividos. Às portas do Segundo Centenário da Independência, a Colômbia é conhecida como o país mais violento do mundo. Conseguirá, por acaso, uma segunda oportunidade no Terceiro Centenário de vida independente, 2010-2110?

---

## NOTAS

<sup>1</sup> Nota-se um consenso entre sociólogos, politólogos e historiadores sobre a existência de uma relação entre o nacionalismo por uma parte, e os processos de modernização e industrialização, ou seja, de mudanças estruturais na esfera do Estado e da economia, por outra. Por modernização entende-se o processo histórico de mudanças estruturais iniciados na Europa ocidental no século XVIII. Esse tipo de transformação social atinge hoje o mundo inteiro, de maneira que, em certo sentido, pode-se falar de um processo de modernização universal, sem que isto implique que as repercussões sociais sejam iguais em todas as partes. V. Hans-Joachim König, In: *el camino hacia la Nación. Nacionalismo en el proceso de formación del Estado y de la Nación de la Nueva Granada, 1750-1856*. Bogotá, Banco de la República, 1994, pp. 26-27.

<sup>2</sup> Oscar Oszlak, *La Formación del Estado Argentino*. Buenos Aires, Belgrano, 1985, pp. 23-25.

<sup>3</sup> Salomón Kalmanovitz, *Economía y Nación. Una breve historia de Colombia*. Bogotá,

Siglo XXI, Universidade Nacional, 1988, p. 95.

<sup>4</sup> Hans-Joachim König, *op. cit.*, p. 521.

<sup>5</sup> Jaime Jaramillo Uribe, "Nación y región en los orígenes del Estado nacional en Colombia" In *Ensayos de historia social*, tomo II. Temas americanos y otros ensayos. Bogotá, Tercer Mundo, 1989, pp. 105-129.

<sup>6</sup> Enrique Olaya Herrera, *Una Independencia que peligra*. Bogotá, s.e., 1908.

<sup>7</sup> Formulada por Luis María Drago em resposta à intervenção armada de potências européias, especialmente da Alemanha, contra a Venezuela em 1902. "En la República Argentina, así como en la mayoría de los Estados sudamericanos, los gobiernos pueden ser demandados ante sus propios tribunales sin necesidad de obtener su previo consentimiento (...) En este particular, estamos mucho más adelantados que los Estados Unidos, en donde no se permite demandar al gobierno ante sus propios tribunales." V. Juan G. Beltran. *La Argentinidad, sus orígenes y sus características*. Buenos Aires, s/e, 1919, pp. 236-246.

<sup>8</sup> Gerardo Molina, "La generación del Centenario y las ideas liberales" In: *Las ideas liberales en Colombia*. Tomo I (1849-1914), Bogotá, Tercer Mundo, 1988, pp. 67-76. Do grupo dos Centenaristas faziam parte, entre outros: Luis Cano, Jorge Bejarano, Luis López de Mesa, Eduardo Santos, L. E. Nieto Caballero e Armando Solano.

<sup>9</sup> Cornelius Castoriadis, *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

<sup>10</sup> François Laplantine & Liana Trindade, *O que é Imaginário*. São Paulo, Brasiliense, 1996, pp. 26-27.

<sup>11</sup> Ramón A. Bonilla e Ernesto Ayala, *Centenario en Cali. Compilación de los discursos pronunciados con motivo de la gran fecha*. Cali, Imprenta Comercial, 1910, p. 9.

<sup>12</sup> Idem, p. 13.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>15</sup> Ibidem, pp. 63-65.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>17</sup> Arquivo Histórico Municipal de Cali (de agora em diante AHMC), Ata da sessão extraordinária do Conselho Municipal, 15/07/1910.

<sup>18</sup> Ramón A. Bonilla e Ernesto Ayala, *Centenario en Cali. Compilación de los discursos pronunciados con motivo de la gran fecha*, *op. cit.*, p. 90.

<sup>19</sup> AHMC, Ata da sessão solene do Conselho Municipal, 20/07/1910.

- <sup>20</sup> AHMC, .Atas do Conselho Municipal da cidade de Cali, sessão ordinária, 11/07/1910.
- <sup>21</sup> Ramón A. Bonilla e Ernesto Ayala, *op. cit.*, pp. 81-82.
- <sup>22</sup> Idem, pp. 93-94.
- <sup>23</sup> Ibidem, p. 7.
- <sup>24</sup> Ibidem, pp. 13 e 18.
- <sup>25</sup> Ibidem. p. 6.
- <sup>26</sup> Ibidem, p. 166.
- <sup>27</sup> AHMC, Escritura de fundación de la Biblioteca del Centenario.
- <sup>28</sup> Ramón A. Bonilla e Ernesto Ayala, Centenario en Cali. Compilación de los discursos pronunciados con motivo de la gran fecha, *op. cit.*, pp. 39- 41.
- <sup>29</sup> Idem, p. 44.
- <sup>30</sup> Ibidem, p. 118.
- <sup>31</sup> Ibidem, p. 167.
- <sup>32</sup> Georges Balandier, *O Poder em Cena*. Brasília, Edunb, 1982, p. 62.
- <sup>33</sup> Ramón A. Bonilla e Ernesto Ayala, *op. cit.*, p. 64.
- <sup>34</sup> Salomón Kalmanovitz, Economía y Nación. Una breve historia de Colombia, *op. cit.*, pp. 173-175.
- <sup>35</sup> José María Rojas, *Empresarios y tecnología en la formación del sector azucarero en Colombia, 1860-1980*. Bogotá, Banco Popular, 1983.
- <sup>36</sup> AHMC, Ata da sessão extraordinária do Conselho Municipal, 06/05/1910.
- <sup>37</sup> AHMC, Ata da sessão de 06/06/1910.
- <sup>38</sup> Ramón A. Bonilla e Ernesto Ayala, *op. cit.*, p. 8.
- <sup>39</sup> Idem, p. 53-54.
- <sup>40</sup> Ibidem, p. 58.
- <sup>41</sup> Ibidem, pp. 69-71.
- <sup>42</sup> Ibidem, p. 87.
- <sup>43</sup> Ibidem, p. 73.
- <sup>44</sup> Ibidem, p. 77.
- <sup>45</sup> Jacques Le Goff, *História e Memória*. Campinas, Unicamp, 1994., p. 207.

## RESUMO

A análise da festa do Primeiro Centenário da Independência na Colômbia (1910), toma como eixo central a comemoração na cidade de Cali. Aborda-se a Colômbia dos novecentos para mostrar o panorama político no qual se enquadrou o penoso processo de formação do Estado Nacional até 1902, ano do desfecho da última guerra civil (Guerra dos Mil Dias), a mais cruel de todas, porém, aquela que junto ao posterior Centenário da Independência faria refletir as elites liberais e conservadoras sobre a causa dos vícios perniciosos que impediam a construção da nacionalidade. No Centenário inventaram os imaginários, os símbolos e as imagens que os ajudariam na nova empresa.

[PALAVRAS CHAVES: Primeiro Centenário da Independência da Colômbia, Cali, Estado Nacional, Guerra dos Mil Dias.]

## ABSTRACT

The analysis of the commemoration of the first centennial of Colombia's independence (1910), take as reference the commemoration in the city of Cali: the Colombia of the 1900's reveals the political evolution of the Colombian Nation-State until 1902, in which the last civil war (the War of the 1000 Days) ended. These war the hadest war, had together with the commemoration of the independence, both circonstances forced the liberal and conservative elites to third of the causes of the obstacles to the construction of the nationhood. During the "centennial" have been eventual the imagination, the symbols and the images that helped them to undertake the new interprise.

[KEYWORDS: First Centennial of Colombia's independence, Cali, Nation-State, War of the 1000 Days.]